

O AVANÇO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A QUEBRA DE PRECONCEITOS: UMA QUESTÃO DE ADAPTAÇÃO

ALMEIDA FILHO, Carlos César Pereira de¹¹Especialista em Educação a Distância e graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

RESUMO

A Educação a Distância tem crescido vertiginosamente no cenário educacional brasileiro, notável não apenas no aumento do número de ingressantes, como também, no número cada vez maior de cursos oferecidos nessa modalidade. Todavia, mesmo com os reais avanços alcançados, discursos depreciativos ainda são encontrados no tratamento dos métodos a distância, o que acaba por limitar ainda mais uma visão de credibilidade e aceitação na comunidade. Diante desse embate, o presente trabalho objetiva investigar os cenários de crescimento e desenvolvimento do ensino a distância e a processão de ideias negativas e preconceituosas em relação à sua receptividade e aceitação como uma modalidade de ensino fidedigna. Por meio da revisão bibliográfica, buscou-se por meio de teses e índices institucionais desenvolver um panorama elucidativo. Ainda se observam níveis de preconceito em relação à modalidade a distância e sua confiabilidade. Em outro polo, há uma disparidade e um paradoxo entre o aumento da acessibilidade aos recursos tecnologias de informação e comunicação e uma boa parcela da população que ainda não se adaptou as novas tecnológicas. Atitudes preconceituosas ainda existentes em relação a Educação a Distância estão ligadas a variáveis culturais e ao conhecimento incompleto sobre os métodos e técnicas a distância, bem como a adaptação pessoal e social aos recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Educação a Distância. Preconceito. Paradigmas educacionais.

INTRODUÇÃO

O deslocamento até a sala de aula e a figura imponente do professor diante de seus alunos já não é mais a única forma de enxergar o fazer educacional. O mesmo ocorreu com os sinais ensurdecadores emitidos para indicar as horas de início, intervalo e final das aulas que já não soam para muitos indivíduos que estão aprendendo e ensinando em espaços e tempos diversificados.

A modalidade de Educação a Distância - EAD vem inaugurar novas possibilidades no acesso à educação, ampliando o processo de ensino aprendizagem efetivado por meio do uso de recursos tecnológicos de informação e comunicação diante da separação física e temporal entre professores e alunos. Oliveira (2009) afirma que a EAD não pode ser apresentada e conceituada como um simples instrumento para o uso das tecnologias na educação, mas sim compreendi-

da como uma prática educativa mediada e situada por esses recursos. E para Mill (2006), o uso conjugado das tecnologias de informação e comunicação - TICs, denominado de telemática, possibilitou um avanço imaginável no campo da educação.

A EAD cresceu vertiginosamente no decurso das últimas décadas devido à capacidade de se adaptar às diferentes realidades dos indivíduos que buscam se qualificar e que, por vários motivos, não conseguem realizar na modalidade presencial de ensino. No entanto, a intermediação da educação pelo uso das TICs ainda sofre por preconceito e ideias depreciativas, com acusações como a de oferecer ensino de qualidade inferior ao modelo de ensino presencial. Preconceito esse perpetrado pela comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar os cenários de crescimento e desenvolvimento do ensino a distância e a processão

de ideias negativas e preconceituosas em relação à sua receptividade e aceitação como uma modalidade de ensino fidedigna. Sob a hipótese que o preconceito em relação à EAD ainda permanece na sociedade devido a própria dificuldade de uma parcela em se adaptar as novas tendências educacionais resultantes do avanços das novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito da educação e enxergar nesses prospectos, alternativas pertinentes e promissoras de formação.

DESENVOLVIMENTO

Os avanços da EAD no Brasil

Vivenciamos uma era de transformações, uma era de interdependência global com a internacionalização da economia e a supervalorização da comunicação e informação. E diante dessas profundas mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, redefinindo práticas e valores, é que pensamos como a educação tem se modificado nesse conjunto de mudanças influenciadas pelo uso cada vez mais expressivo das novas TICs. Para Brignol (2004), as TICs foram agregadas à educação em meados dos anos 1950, iniciando pesquisas que buscavam meios eficazes para fomentar o processo de ensino-aprendizagem e torná-lo mais eficaz no ensino militar.

No que se refere à estruturação da modalidade a distância no Brasil, seu crescimento é inegável. Crescimento observado no aumento de matrículas na oferta de cursos nas Instituições de Ensino Superior credenciadas pelo Ministério da Educação - MEC. Segundo o próprio MEC, a cada cinco alunos inseridos no Ensino Superior no Brasil, um opta pela modalidade de EAD.

Na primeira palestra do V Congresso Brasileiro de Educação Superior a Distância e do VI Seminário Nacional de Educação a Distância na cidade de Gramado/RS, o secretário de educação a distância, Prof. Carlos Eduardo Bielschowsky, indicou por meio dos resultados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP/MEC, alguns avanços da EAD nos últimos anos no cenário brasileiro, principalmente no que se refere ao aumento do número de cursos oferecidos entre os anos de 2003 a 2006, passados de 52 para 349 cursos, segundo dados do anuário de Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008). De acordo com Rocha (2011), 1 a cada 73 brasileiros estuda a distân-

cia, e mais de 2,5 milhões de brasileiros estudaram em cursos com metodologias a distância no ano de 2007. O último Censo da Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED, divulgado em 2011, revelou que o número de matrículas em cursos EAD aumentou 58% entre os anos de 2010 e 2011. Esse índice refere-se à, aproximadamente, 3,5 milhões matrículas.

Ao analisar os investimentos destinados à modalidade de EAD e da ampliação no número de cursos em instituições de ensino público no Brasil nos últimos anos, Bramé (2010, p. 159) cita que:

As iniciativas privadas e públicas investem muito nesse tipo de modalidade. Na esfera pública, destacamos a Universidade Aberta do Brasil (UAB), entidade voltada à pesquisa em educação superior e que compreende formação inicial e continuada para profissionais do magistério e da administração pública. A sua organização se pauta em pólos educacionais e em sistemas de acompanhamento tutorial aos discentes. Em 2009 foram aprovados 193 cursos, totalizando aproximadamente 750 polos em diferentes municípios. A meta é que em 2013 se chegue ao número de 1000 pólos atendendo a aproximadamente 800.000 alunos.

Segundo Blois (2005), foram criadas redes nacionais, regionais e estaduais de universidade públicas e privadas e consórcio de instituições privadas para a criação de cursos a distância, o que configuraria mudanças de paradigmas e a abertura de novos papéis e possibilidades para a comunidade carente de educação superior no país.

Preconceito e resistências em relação à EAD no Brasil

Relacionar a modalidade de EAD no Brasil ao uso da internet e dos microcomputadores, indicando-a como uma das novidades de nosso tempo, é cometer uma gafe. Mais antiga do que se convencionou pensar, a EAD teve seu início no Brasil ainda no início do século XX, com o oferecimento de ensino não formal por correspondências. Como aponta Faria e Salvadori (2010), antes mesmo de 1900 já existia no Rio de Janeiro anúncios em jornais com o oferecimento de cursos profissionalizantes por correspondências, como o curso de Datilografia.

Consoante a essa idéia de que a EAD não seria uma inovação de nossos dias, Orsi (2010, p. 122) defende que “o que é novo nessa modalida-

de de ensino é o emprego das novas tecnologias de informação e comunicação que possibilitou a implantação de novos modelos de EAD, mais atrativos, e atender uma grande quantidade de alunos simultaneamente”. Ainda segundo o autor, a Universidade de Londres, na Inglaterra, começou a atender aprendizes por meio de seus cursos por correspondência e, em seus mais de 150 anos de atuação, essa mesma instituição atendeu milhares de aprendizes, inclusive figuras ilustres como Mahatma Gandhi. Nesse sentido, a argumentação de que se trata de uma modalidade de ensino recente e não testada cai, visto os antecedentes históricos indicarem caminhos de progressão e experimentação em âmbito nacional e internacional.

Então, para que se possa entender a existência de preconceito até os dias de hoje em relação à EAD no Brasil, devemos compreender o desenvolvimento de implantação da modalidade, que foi marcada por avanços e retrocessos, e em alguns momentos de períodos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para a área. Segundo Alves (2009), o Brasil foi citado entre os principais países no que se refere à EAD até meados dos anos 1970, sendo que após esse período viveu um momento de pausa sendo superado por outros países e, no final da década de 1990 iniciou novos avanços.

Mesmo diante dos quadros estatísticos que indicam avanços alcançados pela EAD, a modalidade tem ainda hoje se esforçado para ganhar credibilidade diante das Instituições de Ensino Superior e da comunidade acadêmica que tem resistido aos cenários oferecidos pela EAD. No processo de enfrentamento da EAD em sua credibilidade, Alves (2011, p.201) indica como esta modalidade deve se estruturar para o ganho de aceitação em meio à comunidade acadêmica e consolidar sua trajetória:

(...) quanto mais transparentes forem as informações sobre a estruturação e organização de cursos e programas a distância, e quanto mais conscientes estiveram os estudantes de seus direitos, deveres e atitudes de estudo, maior a credibilidade das instituições e mais bem-sucedidas serão as experiências na modalidade a distância.

A EAD revolucionou o processo de ensino-aprendizagem ao passo que apresentou outras possibilidades para promoção de uma educação de qualidade a um público geograficamente disperso por meio da mediação de recursos tec-

nológicos de informação e comunicação. Numa roupagem caracterizada pela interatividade e não-linearidade, a EAD não se apresenta como saída para o modelo tradicional de educação, mas sim, uma forma de complementá-lo, objetivando uma educação inclusiva. Sobre essa errônea impressão de que a modalidade a distância ameaça a modelo tradicional, e sobre as possíveis melhorias advindas com o avanço da EAD, Oliveira (2009, p.59) explica que:

A educação presencial tem o professor em sala de aula como figura central. Já a Educação a Distância é fundamentada no modo impresso, com mediação tecnológica e eletrônica, o que criou o mito de que ela viria substituir o professor e prejudicar a qualidade do ensino. Na verdade, a Educação a Distância não prescinde do professor. Ao contrário, transformou a função docente em produção e distribuição de cursos e materiais, acrescentando-lhe novas atribuições como tutoria, aconselhamento e monitoria de centros de apoio, de recursos e de avaliação.

É nessa comparação entre o modelo tradicional de educação e as novas possibilidades advindas com a modalidade EAD, promotora da intermediação da educação pelos recursos tecnológicos, é que emergem os preconceitos e resistências em relação a esse novo paradigma educacional.

Segundo o Dicionário Michaelis (2008), preconceitos são “conceitos ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados, ou ainda, opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão”. Quanto às atitudes preconceituosas relativas ao uso das tecnologias na educação, Corrêa e Santos (2009) afirmam que o mesmo ocorreu no passado com o uso do telefone, o rádio, o cinema e a televisão quando utilizados para fins educacionais.

O embate entre o modelo educacional tradicional e as novas perspectivas e práticas de se ensinar por meio do uso dos recursos tecnológicos, estão imbricados dentro do processo de socialização onde os indivíduos se formam e se transformam. Nesse aspecto, Crochik (2006) considera que esse processo de socialização, só pode ser entendido como resultado da cultura e da história dos indivíduos. E é nos embates presentes nesse processo de constituição do indivíduo, que envolve a socialização, quando ao próprio desenvolvimento da cultura resultante a adaptação da luta pela sobrevivência, que o preconceito surge como respostas a esses conflitos. Sobre o surgimento do preconceito Crochik (2006, p.15-16)) ainda afirma:

Como a experiência e a reflexão são as bases da constituição do indivíduo, sua ausência caracteriza o preconceito. Mas a base desse não é a ausência, que contribui para a sua manutenção, e, sim, o que as impede: a ruptura com o mundo que o preconceituoso percebe demasiadamente como ameaçador.

O medo frente ao desconhecido, do diferente, é mesmo o produto daquilo que não se conhece, do que daquilo que não se quer e que não se pode reconhecer em si por meio de outros (CROCHÍK, 2006). Nesse sentido, surge a indagação: o preconceito em relação à EAD é fruto da negação à realidade que configura aceleradas modificação tecnológica de informação e comunicação que passaram cada vez mais adequar a prática educacional?

Os estereótipos construídos em torno do uso das TICs gera desconfiança em relação ao que a EAD oferece, rejeitando-a a um segundo plano no conjunto de prioridades atuais do país e considerando-a como um ensino de segunda classe, de baixa qualidade e que não atende aos anseios da sociedade (CORRÊA; SANTOS, 2009).

No bojo que configura as aceleradas modificações na sociedade devido ao uso cada vez mais expressivo dos recursos tecnológicos no dia a dia, os preconceitos surgidos podem ser entendidos como uma forma de resistências às novas ferramentas para comunicação. Assim, não se deve pensar que a utilização dos recursos tecnológicos são absorvidos por todos com igualdade, gerando para alguns dificuldades ao romper com velhas práticas de comunicação. Sobre a dificuldade que alguns indivíduos possuem em se adaptar os recursos tecnológicos, o que resulta no preconceito por parte de alguns indivíduos, Pinheiro (2004) explica que:

Ocorre que alguns indivíduos se adaptam melhor e mais rapidamente às mudanças tecnológicas; outros indivíduos se adaptam, mas não de forma tão rápida e temos ainda aqueles que não conseguem se adaptar, o que gera um certo “stress”. Na realidade, esse “stress” provocado pela tecnologia não está na falta de capacidade do ser humano em se adequar às mudanças e sim, na má estruturação e disseminação da tecnologia na sociedade, tanto pelos governos quanto pela sociedade civil, notadamente pela falta de uma abordagem sistêmica e estratégica.

Sobre essa dificuldade de alguns indivíduos se adaptarem às ligeiras modificações que vem ocorrendo nas tecnologias de informação e comunicação, Moran (2000) entende que as questões ainda não se enquadram em um nível

uniforme devido a desigualdade econômica e a inacessibilidade que ainda impede a democratização do acesso a esses recursos tecnológicos. O autor ainda continua:

O processo de mudança na educação a distância não é uniforme nem fácil. Iremos mudando aos poucos, em todos os níveis e modalidades educacionais. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos não. É difícil mudar padrões adquiridos (gerenciais, atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade. E a maioria não tem acesso a esses recursos tecnológicos, que podem democratizar o acesso à informação. Por isso, é da maior relevância possibilitar a todos o acesso às tecnologias, à informação significativa e à mediação de professores efetivamente preparados para a sua utilização inovadora (MORAN, 2000, p. 10).

Tais transformações ocorrem ao passo em que as tecnologias de comunicação evoluem, alterando também os conceitos de se pensar e agir. O próprio conceito de aula, de curso, mudam ao passo que seus espaços e tempos de realização são flexibilizados e a sala de aula passa a não ser mais o único ambiente para se ensinar e aprender. O professor se desloca do espaço tradicionalmente determinado, a escola, para um intercâmbio não presencial com seus alunos. Passa-se por um processo de divisão do trabalho, num ciclo operatório onde suas ações devem atender a uma ploidocência - isto é, a estratificação da prática educacional, tornando o docente um trabalhar com especificidades dentro do processo de ensino-aprendizagem -, o professor passa a buscar o aumento da demanda de informações e da própria evolução tecnológica que agregaram cada vez mais seu ofício.

Portanto, torna-se importante entender que a modalidade de educação a distância não pode ser acusada de servir como uma espécie de atalho para se chegar à formação, descrita numa fórmula rápida e menos trabalhosa resultante de um processo de industrialização da educação, mas sim, compreender como uma forma democrática e inclusiva de acesso à educação de qualidade. Sobre esse estereótipo disseminado por aqueles que resistem a EAD e tentam desqualificá-la, Moran (2000) defende que:

Educação a distância não é um fast food em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo - de forma presencial e virtual. Nessa perspectiva, é possível avançar rapidamente, trocar experiências, esclarecer dúvidas e inferir resultados. De

agora em diante, as práticas educativas, cada vez mais, vão combinar cursos presenciais com virtuais, uma parte dos cursos presenciais será feita virtualmente, uma parte dos cursos a distância será feita de forma presencial ou virtual-presencial, ou seja, vendo-nos e ouvindo-nos, intercalando períodos de pesquisa individual com outros de pesquisa e comunicação conjunta. Alguns cursos poderemos fazê-los sozinhos, com a orientação virtual de um tutor, e em outros será importante compartilhar vivências, experiências, idéias.

Mesmo diante de tantas vantagens trazidas com a expansão da EAD no Brasil, a modalidade não é capaz de driblar a má compreensão da população, que acaba por interpretar de modo equivocado. O rompimento com a lógica espaço-temporal definida, e do deslocamento da figura do professor como um orientador e que até então parecia inexorável no processo de ensino aprendizagem apresenta resistências e preconceitos em relação às novas propostas advindas com os novos métodos e técnicas de ensino da EAD. Sobre isso Corrêa e Santos (2009, p.278) citam que:

Apesar de a educação a distância ocupar um espaço cada vez maior no país, ainda existe muitas resistências e preconceitos contra a EAD. Além disso, o estabelecimento do novo papel do professor como conteudista e/ou tutor, ou melhor, como intermediador do conhecimento e não mais como o único responsável pela disciplina/curso que leciona, tem gerado confusões e impropriedades.

Essas confusões e impropriedades geradas pelas profundas mudanças ocorridas no processo de ensino-aprendizagem podem ser entendidas como resultados da própria desinformação da população sobre a organização da EAD e da dificuldade de adequação às TICs, que ainda aflige uma parcela da sociedade, podendo ser considerados componentes essenciais para existência de preconceitos em relação a EAD. Os avanços tecnológicos proporcionados, principalmente, pelas TICs, além das organizacionais e gerenciais estão representando novos desafios para os indivíduos na sociedade em geral. Afinal, a tecnologia transforma não apenas as formas de comunicação, mas também as formas de trabalhar, decidir, pensar e viver o mundo. Sobre esse pensamento Selwyn (2008, p. 817) diz que: “emprego, educação, saúde, bem-estar, políticas, lazer e diversão, todos, hoje em dia, ocorrem de maneiras e em lugares que seriam inimagináveis uma geração atrás e, muitas vezes, têm a tecnologia em seu cerne”.

Deve-se considerar que a questão do pre-

conceito possui um componente cultural, ainda fortemente presente na sociedade brasileira, mas que pode ser considerado pelos próprios fracassos ocorridos no processo de implantação da EAD no Brasil, o que contribuiu para uma rejeição inicial. Sobre as dificuldades na formação de projetos que assegurassem o desenvolvimento e da legitimação que abrangem a EAD no Brasil, Alves (2009, p.278) explica que:

Hoje, a criação de curso de graduação a distância, principalmente licenciatura, vinculadas as universidades públicas tradicionalmente presenciais e bastante audaciosas e muitas vezes mal vista, mesmo pela própria Universidade e seus membros, tanto do corpo docente como discente. Entretanto, essa afirmação e fruto de conversas e observações sem um tratamento científico adequado.

Segundo Corrêa e Santos (2009) o preconceito dos alunos do ensino superior em relação aos cursos oferecidos no âmbito de educação a distância esta atrelado principalmente a questão da qualidade dos cursos, implicando principalmente na formação não específica dos professores que atuam nesta modalidade e também no uso incorretos dos recursos de informática disponíveis. Sobre as barreiras e preconceitos encontrados no processo de implantação da educação a distância no Brasil, os mesmos autores citam que:

Assume-se também que há muito preconceito em relação à EAD, que é vista, muitas vezes, como inferior, resultado de muitas iniciativas mal-sucedidas que marcaram o início da EAD no Brasil. Além do que, parte da comunidade acadêmica se incomoda com os novos parâmetros de ensino, nos quais o centro da aprendizagem desloca-se do professor para o aluno (CORREA; SANTOS, 2009, p.277).

No entanto, segundo Moran (2000), já vivenciamos um tempo de transição onde a adaptação aos meios tecnológicos se faz mediante a necessidade de atividades diárias comuns como e-mails, formulários virtuais e outras atividades que empregam o uso dessas novas tecnologias de informação e comunicação. Além disso, o autor considera que esse momento, que compreender a superação dos modelos predominantes individuais já está dando lugar aos modelos coletivos previstos pela EAD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço da EAD no cenário educacional brasileiro é evidenciado pelos atuais acréscimos

nos números de alunos e de cursos virtualmente oferecidos por instituições de ensino superior credenciadas pelo MEC. Todavia, mesmo diante do acelerado avanço dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, uma parcela da população ainda possui dificuldade de adequar a aplicabilidade desses novos recursos na prática educacional, acarretando na descrença do potencial que a EAD frente aos métodos tradicionais de ensino.

Assim, compreende-se que as atitudes preconceituosas que marcam a resistência em relação à EAD no Brasil é uma característica do próprio movimento de transição de adaptação aos recursos tecnológicos de informação e comunicação por parte da população, que somados às más experiências obtidas pela modalidade em um passado recente da história educacional brasileira, ainda permanecem arraigadas em julgamentos desqualificadores sem fundamentos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, João Roberto Moreira. **A história da EAD no Brasil**. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M.(Orgs). *A Educação a Distância o Estado da Arte*. São Paulo: Pearson Education, 2009.
- ALVES, Lucineia. **Educação a distancia: conceitos e história no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: ABED/UFRJ, 2011.
- BASTOS, Othon. **Ensino a distância: avanço ou retrocesso?** 2010. Disponível em: <http://www.jornalpequeno.com.br/2010/6/26/ensino-a-distancia-ead-avanco-ou-retrocesso-122541.htm>. Acesso em 15 jun. 2014.
- BLOIS, Marlene M. **A educação a distância no Brasil: algumas considerações sobre os critérios de qualidade**. *Tecnologia y Comunicacion Educativas*, n. 41, 2005.
- BRAMÉ, Marieni Luiza. **O crescimento da educação a distância: uma discussão sobre seu caráter ideológico**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8, 2010. Anais VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH. Londrina: Eduel, 2010.
- BRIGNOL, Sandra Mara Silva. **Novas tecnologias de informação e comunicação nas relações de aprendizagem da estatística no Ensino Médio**. Rio de Janeiro: Faculdade Jorge Amado, 2004.
- CORREA, Stevan de Camargo; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho. **Preconceito e educação à distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância**. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.1, jul./dez. 2009. p.273-297.
- CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- DICIONÁRIO MICHAELIS DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- FARIA, Adriano Antônio. SALVADORI, Angela. **A educação a distância e seu movimento Histórico no Brasil**. *Revista das Faculdades Santa Cruz*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2010.
- MELO, Lucienne Veloso de; OLIVEIRA, Ramomy Maria da Silva Reis. **Fundamentos históricos, filosóficos e políticos**. In: _____. *Caderno Didático de Pós-Graduação em Educação a distância*. Montes Claros: Unimontes, 2011.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Os avanços da Educação a Distância**. Portal MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10388. Acessado em: 5 dez. 2012.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo, Papirus Editora, 2000.
- _____. **O que é educação a distância**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/dist.htm>. Acesso em: 22 jan. 2012.
- MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre a tecnologia, espaços, tempos, relações sociais de sexo e coletividade na idade mídia**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. UFMG, 2006. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ORSI, Caroline Pinto de Oliveira; GALENI, Cintia; MEIRA, Greice Benetti. **Jovens e a modalidade de educação a distância: reconhecimento ou preconceito?** *Anuário da Produção Acadêmica Docente*, v. 4, n. 8, 2010.
- OLIVEIRA, Ramomy Maria da Silva Reis. **Subjetividade e docência virtual**. *Revista Extra Clas-*

se, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2009.

PINHEIRO, José Maurício Santos. **Sociedade e Tecnologia: um par inseparável**. 2004. Disponível em: http://www.projetoderedes.com.br/artigos/artigo_sociedade_e_tecnologia.php. Acesso em: 15 jun. 2014.

VIEIRA, Fabia Magali Santos. **A utilização das Novas Tecnologias na educação numa perspectiva Construtivista**. Núcleo de Tecnologia

Educacional - PROINFO/MEC. Disponível em: <http://www.proinfo.gov.br/upload/biblioteca/191.pdf>. Acesso em 29 set. 2014.

ROCHA, Meline Gomes. **Avanço da educação no Brasil**. **Anais do UEADSL**, v. 1, n. 2, 2011.

SELWYN, Neil. **O uso das TICs na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido**. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. p. 815-850.